

artes da vida

Polvilho: sob o sol, sobre o trabalho

ALINE IZABEL COSTA CARVALHO

Sempre que penso no polvilho, vejo aqueles homens impregnados de branco e tento visualizar seus olhos. Difícil. Penso no trabalho das mãos sempre a mexer e a moldar aquela massa disforme. Primeiro, fruto duro da terra e depois um pó tão fino e alvo. É um processo de tempos e esperas. A mandioca é descascada e lavada; é triturada para que depois polvilho e massa se separem; a esperar, o polvilho decanta na água; no tanque, mais tarde, repousa a fermentar; ainda será quebrado e refinado para sob o sol no jirau secar; por fim, para ficar mais puro, é peneirado para o ensacamento. Processo descrito por Guimarães Rosa no conto “Substância”:

Sim, na roça o polvilho se faz a coisa mais alva: mais que o algodão, a garça, a roupa na corda. Do ralo às gamelas, da masseira as bacias, uma polpa se repassa, para assentar, no fundo da água e leite, azulosa – o amido – puro, limpo, feito surpresa. (2005, p. 185)

O polvilho antes de tudo é um fruto, um fruto colhido do trabalho humano. Muitas vezes solitário e em outros momentos a mão com-

panheira aparece para aliviar. Há tanto para se perceber ou simplesmente etnografar: a religiosidade, o trabalho suado, a sombra para descansar, as conversas entrecortadas, o sol e a chuva a determinar a rotina. Não há um tempo fixo, há o tempo do sol e da chuva. Aquela instabilidade sempre a ser desvendada: vai chover hoje?

Percebi que para fotografar precisava contar com muito mais do que um dia de trabalho, mas sim de um dia de sol. Secando, moldando o branco. E lá está o branco como um campo a ofuscar a vista. Os vários níveis, pequeno mar de ondas brancas. Mexer o polvilho é um trabalho que tudo impregna, o pó está no todo, na parte. Como se quisesse deixar a sua marca. Nublado o outro que se encontra tão próximo.

Essas fotos foram tiradas em Conceição dos Ouros, sul de Minas Gerais. Espero que possam compartilhar, recriar e desfrutar esses momentos já idos.

Referências bibliográficas

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2005. 213 p.

autor **Aline Izabel Costa Carvalho**
Graduada em Ciências Sociais/USP

Recebido em 25/03/2009

Aceito para publicação em 20/10/2009







